# filosofia
ciência&vida

**RUMOS DA FILOSOFIA**
Walter Salles discorre sobre PAUL RICOEUR e o sentido da existência

**JANINE RIBEIRO**
Ajustes e arrochos pós-eleitorais são comuns na Política? O que diria Maquiavel?

ANO VIII Nº 102

www.portalcienciaevida.com.br

**NÃO SE DISCUTE**
A origem do totalitarismo explicada pela relação entre Política e Religião, em **ORTEGA Y GASSET** e **HANNAH ARENDT**

**LEITOR DE DOSTOIÉVSKI**
Questionamentos de **NIETZSCHE** acerca da moral e da natureza humana com base no escritor russo

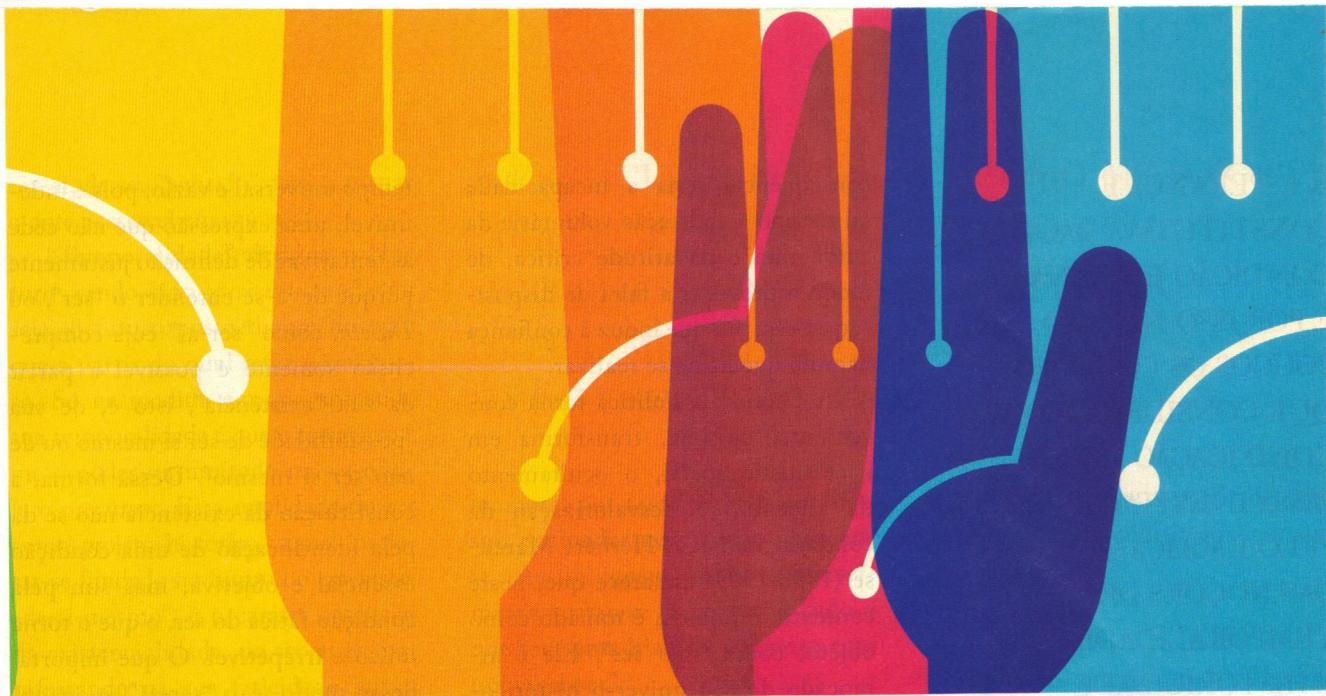
# CRISE DO APRISIONAMENTO

**Para que serve encarcerar o ser humano senão pelo objetivo da ressocialização? A necessidade de revisão do atual sistema prisional brasileiro segundo a análise de FREUD e FOUCAULT**

NÚMERO 102 - PREÇO R$ 9,80

**REFLEXÃO E PRÁTICA: Esperança e utopia na obra de THOMAS MORE**

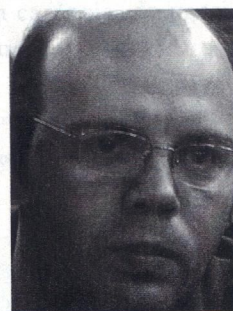
# ETAPA IV: APOIO AO PROFESSOR

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

# Esperança e a condição humana

**A esperança é um princípio motor que dá movimento ao sujeito imbuído de estimativas racionais em relação ao porvir e, não pode deixar de ser, um desejo ou uma aspiração relacionada à confiança**

"Sê corajoso para que homens ainda por nascer falem bem de ti".[1] Essa frase é emblemática e compõe um dos versos mais belos da *Odisseia*. Trata-se da evocação feita pela deusa Atena ao jovem filho de Ulisses, Telêmaco, para que deixe para trás a condição infantil e se aproprie não só dos seus anseios e sonhos como também do arrebatamento juvenil para enfrentar o mundo, conquistar e realizar ações de grande relevância. Ele não sabia se seu pai estava vivo ou morto, mas depois do chamado da deusa de "olhos esverdeados", decidiu sair ao seu encontro, aprendeu a se guiar pela "esperança" e a assumir a responsabilidade pelo seu futuro.

A esperança é constitutiva da condição humana, e por isso não são poucos os filósofos que consideram que a coisificação do homem, e, por conseguinte, sua desumanização – fenômeno presente essencialmente nas formas de dominação – passam inevitavelmente pelo embaçamento das noções de temporalidade e historicidade. A

[1] HOMERO, 2011, pág. 128

CRISTIANO DE JESUS É BACHAREL EM FILOSOFIA E ANÁLISE DE SISTEMAS, MESTRANDO EM FILOSOFIA, MESTRE E DOUTOR EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DE FILOSOFIA E ÉTICA. PESQUISA SOBRE A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA TECNOLOGIA E OS IMPACTOS DA TECNOLOGIA NA SOCIEDADE. CRISTIANO.*JESUS@ACADEMUSNET.PRO.BR*

A ESPERANÇA É CONSTITUTIVA DA CONDIÇÃO HUMANA, E POR ISSO NÃO SÃO POUCOS OS FILÓSOFOS QUE CONSIDERAM QUE A COISIFICAÇÃO DO HOMEM PASSA INEVITAVELMENTE PELO EMBAÇAMENTO DAS NOÇÕES DE TEMPORALIDADE E HISTORICIDADE

consequência seria a incapacidade ou mesmo a abdicação voluntária da autonomia e da atitude crítica, de modo a provocar a falta de disposição ao espírito que induz à confiança naquilo que há de se realizar.

A Economia Política torna conveniente, ou seja, transforma em necessidade social, o ocultamento da alienação e desvalorização da condição humana. Herbert Marcuse (1898-1979) esclarece que, neste contexto, o homem é tomado como objeto, como "não ser". Ele é arrancado do seu universo histórico-social para ser inserido no mundo do dinheiro e da mercadoria, em um mundo em que ele não passa de trabalhador "abstrato".

Assim, um indivíduo isolado, ou mesmo a massa inconsciente, é sujeito a-histórico, pois ignora sua situação histórica e, por causa disso, falta necessidade à sua existência, necessidade esta que desencadeia o "ato radical". Em outras palavras, o sujeito a-histórico é incapaz de conduzir transformações em seu modo de vida, visto que elas somente podem ocorrer quando são dadas pela História, quando há direção e meta.

Em seu estudo sobre o sentido do "ser", Martin Heidegger (1889-1976) interpreta a "existência" principalmente nas obras *Ser e tempo* e *Ontologia*. O que chama a atenção e torna relevante sua citação para o esclarecimento sobre a "esperança humana" é que o termo "ontologia" normalmente se refere aos princípios fundamentais do ser, isto é, sobre aquilo que é permanente e imutável. Todavia, em Heidegger esse termo ganha uma conotação diferente, passando a identificar não a definição, mas o questionamento sobre "o ser enquanto tal", por defender que o ser é indeterminado. Ele defende que "ser" é um conceito ao mesmo tempo universal e vazio, pois é indefinível, uma expressão que não cede às tentativas de definição justamente porque deve-se entender o "ser", ou *Dasein*, como "ser-aí" cuja compreensão somente é possível a partir da sua "existência", isto é, de sua "possibilidade de ser si mesmo ou de não ser si mesmo". Dessa forma, a constituição da existência não se dá pela identificação de uma condição essencial e objetiva, mas sim pela condição fática do ser, o que o torna único e irrepetível. O que importa, desse modo, é o "ser-aí" enquanto ser próprio, em cada ocasião, isto é, em sua condição fática. Faticidade é o "como do ser", o modo de ser no mundo, sua "vida fática", uma "propriedade" que assinala *possibilidades*. Esse termo está aqui grafado porque somente há esperança quando há possibilidades.

## O PORVIR HEIDEGGERIANO

"Sentido" é o vocábulo usado por Heidegger para designar aquilo-em-relação-a-quê, o "ser-resoluto precursor", ou seja, o projeto primário de conhecer possibilidades, considerando ainda que projetar implica sempre em abrir possibilidades, manifestar preocupação, ao mesmo passo que realiza a interpretação existencial do

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

ser-aí, de seu "sentido", isto é, tornar o ente acessível em seu ser.[2]

"Temporalidade" designa o "futuro sendo-sido *presencizante*", ou seja, o futuro posto diante do ente que a partir do qual refaz o seu curso. Só na medida em que apreende sua temporalidade é que o ser-aí assume o poder-ser-um-todo no ser-resoluto precursor. Essa totalidade-do-ser como projeto histórico, como "projetar-se fundado no futuro no em-vista-de-si-mesmo", é o caráter essencial da existencialidade, do ser-aí se manifestando na sua faticidade nunca como passado mas como sempre já sido (em movimento), de modo que a temporalidade é o próprio sentido da "preocupação", sendo preocupação a própria condição do ser-aí, um modo de lidar com o mundo.

A condição ontológica da historicidade reside, assim, na dupla ação de pôr-em-liberdade as condições de possibilidades existenciais temporais e também a estrutura-do-gestar-se na temporalidade. Para tanto, é necessário considerar que o ser-aí não é temporal por estar na História, mas sim por poder existir historicamente. Assim, gestar-se é invariavelmente gestar-se no tempo: "Tudo o que tem uma história é conexo com um vir-a-ser".[3]

## A EFICÁCIA DA ESPERANÇA COMO MOTOR PARA CONSTRUÇÃO DO FUTURO TEM SIDO QUESTIONADA COM MAIS FORÇA ULTIMAMENTE, COM A ASCENSÃO DA FILOSOFIA NIILISTA

A História é o acontecer do ser-aí em seu gestar-se no tempo como existente, de modo que se deve considerar tanto o "passado" como o que foi transmitido pela "tradição" e que é ainda eficaz no ser-um-com-outro em um "mundo compartilhado".

Contudo, o ser não é estático, mas uma "contínua tensão dinâmica" para um "mais além de si": "Um processo aberto de inacabamento, de infinitas possibilidades ainda não realizadas e cujo pivô é a categoria do possível". A esperança, assim, é um prognóstico voltado a um porvir possível de se desenvolver apenas a partir de uma base ontológica constituída por um não ser-ainda.[4]

## FILOSOFIA E UTOPIA

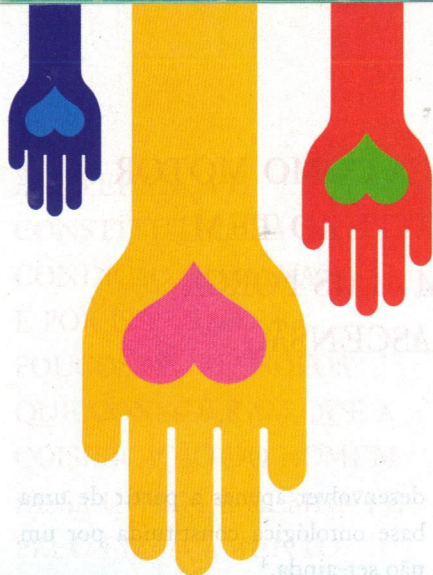
Ernst Bloch (1885-1977) chama de "princípio esperança" a mola da existência vivida em função de um futuro, da construção de uma morada, que Bloch alerta para não ser confundida com abrigo que serve para o homem fugir e se esconder da realidade. Trata-se mesmo de um lar que existe como "lembrança da origem e como esperança do fim",[5] e cuja construção é um processo de "tomada de consciência da carência, da possibilidade e de um possível".[6]

[2] HEIDEGGER, 2012, pág. 883

[3] *Ibidem*, pág. 1027

[4] SCHUMACHER, pág. 368.

[5] FURTER, 1974, págs. 66-68

[6] *Ibidem*, pág. 80

Para Bloch, o corolário da esperança são as utopias sociais, expressões da imaginação que possuem como base as possibilidades da humanidade. Não correspondem a meios de fuga da realidade, mas sim a uma "maneira de julgar um real injusto, oprimente, fechado e cerrado, para visar um mundo mais justo".[7]

A História da Filosofia está repleta de utopias, tais como *A república*, de Platão (428-348 a.C.), *Cidade de Deus*, de Agostinho de Hipona (354-430), *Utopia*, de Thomas More (1478-1535), *A cidade do sol*, de Tommaso Campanella (1568-1639), *Nova Atlântida*, de Francis Bacon (1561-1626), entre tantas outras também presentes nos discursos científicos e na Literatura.

[7] *Ibidem*, pág. 97

Entretanto, a eficácia da esperança como motor para construção do futuro tem sido questionada com mais força ultimamente, com a ascensão da Filosofia niilista. O "Grande Terremoto" de Lisboa, de 1755, provocou grande impacto no pensamento de grandes filósofos, como Voltaire (1694-1778), Pascal (1623-1662), Leibniz (1646-1716) e Rousseau (1712-1778), de modo a colocarem em suspeita a Filosofia realizada até então, que passou a parecer a expressão da fuga do homem do acaso, um sistema organizado de pensamento para mascarar a verdadeira existência, que é marcada pela imprevisibilidade e pelo caos.

Influenciado por Pascal, Soren Kierkegaard (1813-1855) mais tarde considerou toda racionalização e construção sistemática como um afastamento da existência: "Os homens transformados em massa escravizavam-se à mentira e à bestialidade".[8]

A existência somente pode ser singular ao indivíduo, singularidade esta irrepetível e insubstituível. Por isso a existência não pode coincidir com o conceito. Os fatos não devem ser demonstrados, e sim aceitos ou rejeitados. A existência corresponde ao devir, ao contingente, ou seja, à História. Insistir no contrário é como construir um castelo para depois morar no celeiro, como comentou o mestre de Copenhague, visto que não há existência conceitual na efetividade. Quando muito, os sistemas se revelam como uma simulação, uma contrafação, uma caricatura, um quebra-cabeça incompleto, mas que satisfaz a curiosidade rasa.

Mais tarde, eventos históricos

[8] KEMP, 2004, pág. 566

## CINEMA E FILOSOFIA

O narrador do filme *Clube da luta* (1999), dirigido por David Fincher, trabalha como investigador de seguros e considera-se "escravo do consumismo instintivo caseiro". Tudo que ele via nos catálogos tinha que comprar, tais como "uma mesinha de café formato yin-yang, conjunto de escritório Klipsk, bicicleta ergométrica Hovetrekke, sofá Ohamshab, abajur Ryslampa de papel biodegradável", etc. Ele chegava a se perguntar que "tipo de porcelana o definia como pessoa".

Seguiu sua vida entre o trabalho e as terapias que fazia para curar seu problema de insônia até que conheceu, em uma viagem de avião, o vendedor de sabão Tyler Durden (Brad Pitt).

Daí em diante sua vida mudou drasticamente. Logo de início, Tyler demonstrou que via a realidade social como uma camisa de força, repleta de simulacros, que se apresenta em uma sequência encaixada e linear, com o fim de tornar as pessoas obcecadas por um estilo de vida.

Tyler, então, convida o narrador (Edward Norton) a livrar-se da autoexigência de ser completo, perfeito, ou seja, de responder às tiranias de uma sociedade meritocrática, pois, no final das contas, as coisas que nós possuímos acabam por nos possuir, uma vez que nos fazem sempre querer mais do que o necessário, em um círculo interminável.

A visão de Tyler coincide, e muito, com a Filosofia dos cínicos e nos ajuda a refletir sobre a esperança institucionalizada nos costumes e no sistema econômico, forjada não de maneira subjetiva e autônoma, mas imposta por uma estrutura social.

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

como a batalha de Verdun, Auschwitz e Hiroshima inspiraram filósofos a reafirmarem com ainda mais virulência o fracasso dos projetos e estimativas racionais, como o fizeram Nietzsche (1844-1900), Deleuze (1925-1995), Derrida (1930-2004), Foucault (1926-1984), Sartre (1905-1980), Camus (1913-1960) e outros.

Nietzsche afirmou diversas vezes em suas obras que o pensamento social – seus projetos e ideais de civilização – se constitui em pensamento de "animais de rebanho". A vida em sociedade é uma maneira de o indivíduo se agarrar a uma vida fácil suscitada por costumes, regras morais e sistemas racionais que condicionam o homem, isentando-o, desse modo, de enfrentar o caos do devir e se permitir à transformação em cada instante, em cada ato.

O homem, portanto, para viver em sociedade, cria regras, leis, rotinas, instituições tais como família, trabalho, lazer, Ciência, governos e outros, de tal modo que tudo isso se torna um estilo de vida que, apesar de ser criado pelo homem, passa a regulá-lo, a dominá-lo e a definir suas vontades e projeções para o futuro. O homem se reconhece, na maioria das vezes, apenas como ser social, apenas como condicionado por uma realidade criada por ele próprio.

## ESPERANÇA E DECADÊNCIA

Nietzsche considera essas criações humanas como meramente de "vulgaridade utilitária",[9] ou seja, diz que são o mesmo que o "nada", entidades imaginárias que, apesar de oferecer sentido às ações, são destituídas de verdade. Trata-se de uma valorização do homem ao niilismo: "O niilismo é tomado como verdade. Mas a verdade

[9] NIETZSCHE, 1978

**A VIDA EM SOCIEDADE É UMA MANEIRA DE O INDIVÍDUO SE AGARRAR A UMA VIDA FÁCIL SUSCITADA POR REGRAS DE CONDUTA QUE CONDICIONAM O HOMEM, ISENTANDO-O DE ENFRENTAR O CAOS DO DEVIR**

não é tomada como critério mais alto de valor, nem mesmo como potência mais alta. A vontade de aparência, de ilusão, de engano, de vir-a-ser e mudar é tomada aqui como mais profunda, mais originária, mais metafísica do que a vontade de verdade, de efetividade, de aparência".[10]

Para Gilles Deleuze, a decadência do saber nos tempos atuais levou as ciências a se constituírem como mera competência técnica, em que se esquece a diferença para ater-se exclusivamente ao "nada". O filósofo francês aponta essa mesma decadência na Filosofia, encontrando em Platão as raízes dessa degradação. A Filosofia que entende a identidade como propriedade do ser é a Filosofia da representação, "que subordina a diferença às potências do uno, às relações do análogo, às similitudes do Semelhante e à identidade do mesmo".[11]

Deleuze pretende se colocar como contraponto ao humanismo e às diversas concepções tradicionais de sujeito do conhecimento, tais como o sujeito cartesiano-kantiano, o sujeito hegeliano e assim por diante, passando a conceber o sujeito "em termos relacionais, como um elemento governado por estruturas e sistemas".[12]

Nessa perspectiva, a esperança forjada na base da crítica e em projeções de negação das condições atuais não leva a nada. Deleuze apresenta a diferença e a repetição como parte de uma filosofia anti-hegelianista em que não existe mais lugar para o pensamento negativo e concepções como identidade e contradição. Para o autor, uma diferença cujo motor constitui-se de negação e contradição apenas pode mover-se em direção ao idêntico, e assim manter-se subordinada a ele. Nessa Filosofia o que impera são simulacros, simulações das identidades, que são produzidas a partir do jogo agressivo da diferença e da repetição que não podem criar cópias, mas sim gerar reversões de todas as cópias e modelos.

Essa descrença na utopia e nos projetos da Filosofia já ocorreu até mesmo na Antiguidade, no período Helenista. A Filosofia helenista é uma Filosofia da dor. Provavelmente, os filósofos, ao viverem sob o domínio de Alexandre da Macedônia, um estrangeiro, se perguntaram: "Do

[10] *Idem*

[11] VASCONCELLOS, 2005, págs. 137-167

[12] PETERS, 2000

## O HOMEM SE RECONHECE, NA MAIORIA DAS VEZES, APENAS COMO SER SOCIAL, APENAS COMO CONDICIONADO POR UMA REALIDADE CRIADA POR ELE PRÓPRIO

que valeram nossas gloriosas conquistas, nossa fabulosa cultura, nossa democracia, nossa Filosofia? Nada disso evitou nossa humilhante condição de decadência".

O cínico Diógenes de Sínope (412-323 a.C) acreditava que a felicidade não podia possuir causas externas, e por isso defendia o retorno à vida na natureza, errante e instintiva, como a dos cães. As conquistas da civilização, suas estruturas jurídicas, religiosas e sociais não mereceriam outra coisa senão o desprezo.

Para os estoicos, aos homens cabem aceitar as leis da natureza. Tudo acontece porque tem que acontecer, visto que tudo está preso a um encadeamento de causas. Com isso, o destino é uma ordem eterna que rege todas as coisas, fazendo com que tudo ocorra de acordo com causas anteriores dentro de uma enorme conexão inviolável, obrigatória e necessária. Não resta outra coisa ao homem senão suportar com coragem os dissabores da vida, não se afligindo pelos infortúnios e nem se sentindo feliz pela glória, pois se trata do papel a se cumprir na ordem histórica. Para os estoicos é possível ser livre na prisão da mesma forma como é possível ser escravo da vida em liberdade, ou seja, é possível ser livre se há a consciência das forças estruturadoras, de modo a lidar com elas, ao passo que é possível ser escravo da vida em liberdade quando falta a clareza sobre as estruturas niveladoras e as contingências da vida.

Para Epicuro (341-270 a.C.), a vida deve consistir em evitar a dor, sendo o prazer o inverso da dor. Assim sendo, cabe a todos o dever de conhecer o que lhe causa dor para conhecer como bem viver. No entanto, não se deve escolher qualquer prazer, deve-se evitar aqueles que ocasionam a dor. A própria ausência do prazer poderia ser um bem maior do que certos prazeres que poderiam levar à ruína. Isso implica que a felicidade não está na memória e nem na esperança melhor se preparando para o amanhã quem menos se preocupa com ele.

Por fim, entre os helenistas, Pirro (318-272 a.C.), fundador do ceticismo, apresentou a visão mais drástica e perturbadora. Para este filósofo, a verdade não existe ou não pode ser conhecida, restando como única alternativa o silêncio, visto que, se "não há verdades", até mesmo esta afirmação não poderia ser verdadeira.

Contudo, a Filosofia helenista e as de orientação niilista deixam como alerta que a esperança pode não passar de uma distração que desvia as pessoas daquilo que realmente importa, sustentada por conceitos logicamente consistentes e projeções rigorosamente construídas que não passam, como diria Kierkegaard, de um castelo impecável porém inacessível. Na prática, as pessoas continuam vivendo num seleiro, sujeitas a todos os riscos de insegurança e falência de seus projetos, mesmo que permaneçam voluntariamente alheias a esses riscos pelo desconforto emocional que provocam. filo

REFERÊNCIAS


FURTER, Pierre. A dialética da esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernest Bloch. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia:** (hermenêutica da faticidade). Trad. de Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012.

__________. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin, 2011.

KEMP, Peter. Kierkegaard. In: HUISMAN, Denis. **Dicionário dos filósofos.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSE, Herbert. "Contribuição para a compreensão de uma fenomenologia do materialismo histórico". In: **Materialismo histórico e existência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

__________. "Novas fontes para a fundamentação do materialismo histórico". In: **Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Considerações extemporâneas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

__________. **O nascimento da tragédia no espírito da música**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e Filosofia da diferença**: uma introdução. São Paulo: Autêntica, 2000.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.

SCHUMACHER, Bernard. In: CANTO-SPERBER, Monique. **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. São Leopoldo: UNISINOS, 2013.

VASCONCELLOS, Jorge. **A ontologia do devir de Gilles Deleuze**. Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. Fortaleza, v. 2, n. 4, Verão 2005, págs.137-167.